Arquitetura do Café

André Argollo

Resenha do livro: ARGOLLO, André Munhoz . “Arquitetura do Café”. São Paulo: Editora Unicamp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

Larissa Lohmann

Arquiteta e Urbanista, Mestranda em Estudos Avançados em Arquitetura - MBArch Departamento de Urbanismo y Ordenación del Territorio, Universitat Politècnica de Catalunya

1. EM UM GRÃO, UM MUNDO

Permeiar pela história do café no Brasil trata-se em adentrar em um contexto de enorme importância econômica e social para o país. A intensa sinergia entre a evolução da arquitetura das fazendas de café paulistas e o desenvolvimento técnico da cafeicultura é o tema de estudo proposto no livro de André Argollo. *Arquitetura do Café* é de uma qualidade primeiramente estética, por sua belíssima formatação, escolha de imagens e estruturação quase tátil. Mas também é de enorme destaque o texto responsável e completo que o autor apresenta sobre uma temática que assinalou anos de transformação substancial do país.

'Uma imagem vale mais que mil palavras'. Confúcio alega um valor que o livro nos apresenta (ou nos presenteia): uma rica seleção de desenhos, gráficos e fotografias; um verdadeiro tesouro que nos leva a entrar no contexto dos cafezais, capítulo a capítulo. As sucessivas imagens descortinam uma memória; uma história que revela principalmente a força do trabalho unido ao conhecimento e, ousado dizer, a um certo amor por uma cultura que trouxe tantos louros ao Brasil.

André Munhoz de Argollo Ferrão é professor livre-docente do Departamento de Recursos Hídricos da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Unicamp. Possui pós-doutorado pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, na Espanha. É Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP, Mestre em Engenharia Agrícola e Engenheiro Civil pela Unicamp, Arquiteto e Urbanista pela PUC-MG. Suas pesquisas se concentram nas áreas de engenharia de empreendimentos para o desenvolvimento local e regional sustentável, gestão do patrimônio (ambiental e cultural), gestão integrada de bacias hidrográficas, planejamento do território e da paisagem.

Capa do livro “Arquitetura do Café”

2. TRAJETÓRIA: DAS ORIGENS À CONSAGRAÇÃO NA CENA BRASILEIRA

A memória do café está no imaginário coletivo da humanidade. Não se trata apenas de uma bebida obtida de sementes tostadas e moídas, mas de uma oportunidade, companhia, afinação. Inspiração para muitos. Em meados do século XVII, seu consumo se consagrou na Europa como poderoso estimulante, e assim os cafés assumiram uma designação similar a *cabarets e restaurants*: um lugar de reunião, com o propósito de desenvolver a produção física e intelectual do homem.

As primeiras referências literárias de café datam de 1400, em escritos empoleirados na biblioteca do rei da França, atribuídos a um tal de Gemaleddin. Sabe-se que a história dessa bebida secular começa na Etiópia, atinge a região arábica e segue sua trajetória pelo mundo, até adentrar o mundo ocidental através de algumas mudas enviadas ao Jardim Botânico de Amsterdã. Um fato curioso que o autor relata, exime o valor que tinha o café - a bebida mais radical do universo- já em meados do século XVIII: o capitão de infantaria francês Gabriel Mathieu de Clieu, que durante a travessia do Atlântico, com o objetivo de introduzir o café no continente americano, teria repartido sua própria ração de água com a única planta que sobreviveu à longa e difícil travessia.

A arquitetura das fazendas do Vale do Paraíba, oriunda de um sistema que se expandiu a partir de pequenas produções no Rio de Janeiro, evoluiu muito rapidamente. A partir de

Fazenda Jacutinga. Vista, a partir das tulhas, da ponte que liga a casa de máquinas aos terreiros. Ao fundo, o cafezal e a moradia do fazendeiro. Fonte: A. Lalière, 1909.

Fazenda Palmeiras, Campinas, SP. Casa-grande & senzala. Fonte: Teixeira Mendes e Castro Mendes, 1947.

1790, os cafezais ganham *status* de cultura economicamente atrativa na região. Os anos seguintes são marcados por investimento na indústria de máquinas, peças e implementos agrícolas próprios para este tipo de cultura. Em meados do século XIX, a abolição da escravidão cria o ensejo de liberar grandes somas de capital, o que acaba por viabilizar a expansão da indústria brasileira. Um exemplo claro deste retorno é a construção das primeiras linhas férreas no Brasil, desenvolvendo não somente o círculo cafeeiro, como também toda uma nova estrutura urbana que começa a se estabelecer no estado de São Paulo.

A transição entre o trabalho escravo e o sistema de trabalho livre no final do século XIX representou uma oportunidade para 'promover uma profunda reforma social e econômica'. A imigração européia no Brasil, dentro de um contexto de movimentos abolicionistas, veio somar substancialmente ao futuro mercado consumidor.

Argollo também faz referência a três importantes núcleos de pesquisa e colaboração a cultura do café: o Complexo de Ciência e Tecnologia, o Instituto Agrônomo de Campinas,

e o Serviço de Imigração e Colonização. Formavam um importante tripé que promovia o equilíbrio dos três elementos que calcavam o desenvolvimento da cultura cafeeira: o solo, a planta e o trabalho. A união destas três importantes entidades foi diretamente responsável pela consolidação dos cafeicultores como ‘modernos empresários rurais’.

São Paulo assim se aformoseava, progredia e se renovava numa ‘tardia *belle époque*’. O ciclo do café transformou o Vale do Paraíba na região mais rica e próspera do Brasil. A política do café-com-leite impulsionou a economia da região até os anos 20, quando a quebra da Bolsa de Valores de Nova York obrigou o país a transformar a economia de caráter primário-exportador para um modelo urbano-industrial. Os tempos áureos, de lavouras imensas e ‘Reis do Café’, foram substituídos rapidamente por pequenas e médias unidades produtoras e por culturas mais rentáveis que o café.

3. SOBRE SINERGIAS: PROCESSO PRODUTIVO E ARQUITETURA DA PRODUÇÃO DOS CAFEZAIS

Entender o processo evolutivo tecnológico do cafezal perpassa conceitos técnicos. Desde o processo rudimentar inicial, de apiloamento manual utilizado pelos Árabes, até os processos mais avançados de beneficiamento do café, realizado por máquinas movidas a vapor, havia uma íntima ligação entre as técnicas do processo de produção e a arquitetura que se implantava no núcleo industrial do Vale. Em outras palavras, a linha evolutiva da cafeicultura pode-se perceber em ambos aspectos: tecnológico e arquitetônico.

O crescimento da demanda na Europa e a ampliação das plantações de café exigiam aparelhagens e sistemas mais eficientes. O monjolo individual, primeiro aparelho de beneficiamento utilizado no Brasil, evoluiu para o ‘carretão’, um sistema mais avançado, especialmente quando movido por força hidráulica. O trabalho árduo realizado por escravos nos princípios do século XVIII foi gradativamente substituído por trabalho mecânico, e ao final do ciclo cafeeiro, o ofício manual já se restringia apenas para o transporte.

Foi na década marcada pelos ares modernizadores da Revolução 30 que se fez importante a reorganização das antigas fazendas de café. Surge assim o que o autor chama de ‘arquitetura da lavoura’; e os esforços para a remodelação das casas de máquinas e das

próprias plantações, afim de receber as novas tecnologias, se tornaram comuns neste período. Construir, reconstruir, reformar, abandonar, ou até mesmo demolir entraram no conjunto de ações para a reengenharia do cafezal, promovida pela evolução do conhecimento científico de agrônomos e engenheiros.

4. UM TERRITÓRIO A EXPLORAR: SESMARIA DO SERTÃO

Dispondo uma quantidade imensa de informações materiais e imateriais sobre o desenvolvimento e história do país, as antigas fazendas paulistas constituem hoje um patrimônio de inestimável valor. O estudo sensível e minucioso das principais glebas rurais da região de Campinas enobrece o conteúdo do texto, e vem acompanhado de esmeradas descrições de cada detalhe das sesmarias ilustradas. Uma verdadeira biblioteca visual é apresentada ao leitor, principalmente quando chegamos ao estudo de caso central do livro: a Sesmaria do Sertão.

Fazenda Sertão, Campinas, SP. Casa-grande (vista pelos fundos). Aquarela de Castro Mendes, 1940. Fonte: Teixeira Mendes e Castro Mendes, 1947.

Como a “técnica” marca o território. Fazenda Sertão, Campinas, SP. Lavador de café. Aquarela de Castro Mendes, 1940.

Por meio de uma escrita escurrita, o autor nos apresenta o cenário da fazenda e sua evolução cronológica, concluindo o hipótese inicial de que a arquitetura é marcada pelo processo produtivo do café. A trajetória de 200 anos da Fazenda Sertão ilustra as etapas evolutivas que compõem o ciclo econômico do café, começando por sua implantação de infra-estrutura básica apropriada à produção do açúcar, passando por um período de Engenho com casas de máquinas de socar e aventar café, até chegar ao título de Fazenda Sertão, um “moderno” núcleo industrial para finais do século XIX.

O apogeu da Sertão atrela-se a sua concepção arquitetônica ‘específica e original’. O conjunto apresenta edificações e elementos do cafezal implantados de maneira inteligente, pensada e trabalhada de modo a garantir a qualidade já reconhecida do café brasileiro. O texto descreve cada peça deste conjunto, e ao fim releva um dado interessante: nem toda arquitetura do cafezal refletiu a espetacular evolução tecnológica do ciclo, provavelmente em função da crise de 1929. Ainda assim, um patrimônio como a Fazenda Sertão conserva todo seu maquinário instalado; vestígios que calcaram a conclusão do autor sobre a nítida relação cadenciada entre técnica e arquitetura.

1950 déc. Peneirando café. Hidrográfica sobre papel.
Autor: Manabu Mabe

5. 'PEPITA DE OURO VERDE' BRASILEIRA

Ninguém talvez definiu melhor a razão da arquitetura quanto Adolf Loos: “Quando no bosque encontramos um túmulo de seis pés de largura e três de comprimento, erguido em forma de pirâmide, ficamos sérios e algo, em nós, diz: ‘alguém está enterrado aqui’. Isso é arquitetura.” A arquitetura, portanto, se conecta ao acontecimento. Da mesma forma, a arquitetura das casas de máquinas, dos terreiros e das tulhas presentes na cafeicultura emanam um caráter de permanência derivado desta relação. Aí reside o sentido de lugar. Nas palavras de Peixoto:

“O *locus* é um fato singular determinado pelo espaço e pelo tempo, por sua dimensão topográfica e por sua forma, por ser sede de vicissitudes antigas e modernas, por sua memória. O lugar não se confunde com o espaço físico, recobre-o com camadas de significação. O lugar é delimitado e instaurado pela atividade simbolizadora do homem”.

Embora a idéia inicial do autor tenha sido reconsiderada, a homenagem ao Instituto Agronômico de Campinas prevaleceu em cada palavra desta obra. Ademais, o livro *Arquitetura do Café* vai muito além de um levantamento de dados do ciclo econômico do café; traz à luz a temática evolutiva e envolvente do mundo do cafezal, com todas as suas nuances: arquitetônicas, sociais, técnicas e econômicas.

Acervo do Centro de Café Alcides Carvalho, Instituto Agronômico de Campinas.

A 'pepita de ouro verde' brasileira, sem a ação do homem, seria só um grão. A cultura do café sublinhada como identidade local é abertura de ferrovias, modernização de portos, geração de novas riquezas e novas dinâmicas sociais. É o campo, a arquitetura, o prazer, o torrador e a máquina. É um todo tão bonito que até enaltece os sentidos, assim como o intenso aroma de um café recém passado em nossas casas.

1956 - No cafezal. Óleo sobre tela. 60 x 73 cm.
Autor: Manabu Mabe

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMAS, E. C.; PEIXOTO, M.; MARQUES, S. M. (2009). "*O moderno já passado, o passado no moderno*". Editora UniRitter, Porto Alegre.

INOSTROZA, S. T. (2002). "*Huellas en la ciudad heredada: Complejidad y continuidad en la morfogénesis del proyecto urbano contemporáneo*". Barcelona. Tesis doctoral, UPC.

Museu do Café [Internet] Disponível em: <http://www.museudocafe.org.br/>

PEIXOTO, N. B. (2003). "*Paisagens Urbanas*". Editora Senac, São Paulo.

SAUER, C. (1925). "*The morphology of landscape*". En: Leighly, John (ed.). Land and life: a selection from the writings of Carl Ortwin Sauer. Berkeley: University of California Press, 1963 (texto original de 1925).